

«YÔ MABALANE» É HINO PATRIÓTICO

— diz Albino Magaia a propósito

— Eu diria que «Yô Mabalane» é um hino patriótico. A estrutura desta obra, em prosa, é épica. Procurei fazer um hino patriótico a partir de factos reais, de jovens reais, falando dos primórdios do nacionalismo em Moçambique. É principalmente aos jovens que este livro é dedicado para lhes dar pontos de referência em relação ao passado — diz Albino Magaia autor do seu novo livro, «Yô Mabalane».

A primeira obra de Albino Magaia, jornalista de profissão e actual director da Revista «Tempo», foi uma colectânea de poemas editada pelo INLD/Edições 70, na colecção Autores Moçambicanos e intitulada «Assim no Tempo Derrubado».

«Yô Mabalane», que será posto à venda brevemente, não é uma obra de ficção, muito embora o autor tenha procurado dar um tom romançado a alguns capítulos.

— Eu diria que, em primeiro lugar, o livro não é uma obra de ficção na medida em que parte de acontecimentos reais, de acontecimentos históricos lá para os anos 60, Maio de 1965. Mas a sua apresentação é num estilo ficcionado. — adianta Albino Magaia — É que não sou historiador e não quis fazer um relato histórico. Se bem que a editora tenha posto o livro na colecção «Depoimentos», não é no sentido literário um relato histórico. Em segundo lugar, bom, a gente escreve para ser lido e deste modo procurei tornar o livro muito acessível.

PRIMEIRO LIVRO EM PROSA DO AUTOR

Um outro aspecto focado por Albino Magaia sobre esta sua obra é a

experiência que quer adquirir neste novo campo da prosa real ou ficcionada. Diz ele:

— Eu escrevi este livro para me treinar. Treinar-me em que sentido? É que há uma diferença muito grande entre fazer um artigo para um jornal e fazer um livro. As técnicas do livro são outras e não tenho nenhuma experiência de fazer uma obra em prosa. E então os melhores indicadores que vou encontrar vai ser aquilo que precisamente os leitores vão dizer sobre o livro e, evidentemente, os críticos literários, aquilo que disserem vai servir efectivamente de indicador de qual é o melhor caminho a seguir para quem pretende fazer prosa nos vários géneros literários que ela comporta.

«Yô Mabalane» é um livro relativamente pequeno, pouco mais de 70 páginas. Sendo sobre um aspecto histórico tão vasto e aliciente porque não o alargou?

— Eu diria que, «Yô Mabalane» se houvesse tempo de escrever, seria o capítulo de um livro com mais de 300 páginas. Mas a absorção profissional em que eu ando, em que todos andamos, membros da Associação dos Escritores, na verdade não permite que a gente se lance por grandes obras. É possível fazerem-se grandes obras. Começo agora e acabo daqui a cinco anos. Vou fazendo durante os tempos livres. Mas assim de imediato é completamente impossível.

Localizada na tempo e espaço será que a obra focaliza também a problemática vivida dentro do campo de concentração de Mabalane?

— Não é bem isso — diz Albino Magaia — o que eu pretendi foi fa-

zer um hino patriótico. A estrutura é mais ou menos épica. Fazer um livro patriótico e falar de quê? Falar dos primórdios do nacionalismo em Moçambique. Havia muita ingenuidade política, havia muitos sonhos, havia muitas aspirações e que foram cortadas, evidentemente, na história que o livro retrata, no momento em que esse grupo de 55 jovens não consegue chegar a Dar-Es-Salaam, objectivo que queriam alcançar e foram recambiados para o país, ou melhor para as mãos da policia colonial. O livro é muito circunscrito. É absolutamente circunscrito a uma certa acção e que vai do momento de prisão dos jovens quando atravessam o território sul-africano e o seu transporte para Mabalane até à altura em que saem de Mabalane e são transferidos para a Machava. Resumindo «Yô Mabalane» conta afinal uma das várias facetas que a Frente de Libertação de Moçambique teve, na medida em que esses jovens a que se reporta o livro, essa acção a que se reporta o livro, está intimamente ligado à história da Frente de Libertação de Moçambique.

Albino Magaia diria ainda sobre este aspecto específico do seu livro que ele não relata episódios à volta de uma determinada personagem ou personagens principais, mas um conjunto de pessoas numa acção conjunta.

OBRAS DO PASSADO E PORQUE NÃO DO PRESENTE %

Para terminar esta breve conversa com Albino Magaia apenas como tema de apresentação seu livro,



quisemos, todavia, terminar o nosso diálogo evocando também a questão levantada por muitos jovens que abrem polémica sobre porque não se produzem obras com temas actuais e só saem obras falando do passado recente ou não.

— Eu acho que há aqui dois debates que eu acho absolutamente... não vou dizer incorrectos porque, enfim, cada um apresenta as preocupações que tem. Mas há dois debates. Um é porque razão neste país existe muita poesia e porque não se faz prosa. Eu sou de opinião de que o facto de neste país haver muitas obras do género poético, corresponde a uma realidade que não é exclusiva de Moçambique. Todas as literaturas começaram pela poesia, pelos versos e Moçambique não podia ser excepção.

ENTREVISTA DE
CALANE DA SILVA

— Segundo, no tempo colonial, era muito mais fácil publicar poemas de protesto, porque a poesia não é às vezes muito directa e precisa de uma certa descodificação, é um pouco diferente da prosa. Se bem que tenha havido poemas desses directos muito frontais, mas que evidentemente o próprio autor quando viu a sua obra meteu na gaveta porque sabia de antemão que não podia publicar. Mas há outra poesia cheia de reticências, cheia de imagens às vezes ambíguas e que denunciava de uma certa forma e por isso lá passava. Fácil de transportar e transpor mesmo os obstáculos da censura para publicação.

— Agora outro debate é: porque não se escreve sobre a vida de hoje. Ora bem! Há-de se escrever sobre a vida de hoje, mas não se pode escrever sobre a vida de hoje a saca-rolhas, as coisas não podem sair a saca-rolhas. Eu não vou dizer assim: agora eu tenho à-viva-força que escrever um livro sobre o socialismo que se constrói em Moçambique. Eu vou produzir uma obra mediocre. Eu tenho de estar fortemente motivado para escrever uma obra sobre a vida de hoje. E essa obra há-de sair. Mas um autor primeiro precisa de digerir muito bem aquilo que está à volta dele para fazer uma obra que corresponda à época em que está a viver.

— É possível fazermos agora pequenas obras de aproximação aos grandes temas socialistas, é possível, mas mesmo assim, não vamos pretender isso a saca-rolhas. Também não vamos pretender que os poetas deixem de fazer poesia e passem a fazer prosa.